

TREMOR DE UM CORPO SEM FRIO

Danielle Monteiro





Copyright©2021 by Editora Edições & Publicações

Ilustração

Clarice Panadés (@clarice.panades)

Revisão

Certifique-se – Soluções Acadêmicas (@certifique_se)

Coordenação Editorial

Ana Angélica Ferrazi

MONTEIRO, Danielle.

TREMOR DE UM CORPO SEM FRIO – 1ª ed. –

Ourinhos/SP. Edições & Publicações (E&P), 2021.

77 p.: il.

ISBN: 978-65-86615-90-6

1. Poesias. 2. Crônicas. 3. Prosa. 4. Relatos I. MONTEIRO, Danielle. LIVRO BRASILEIRO. I Título. FORMATO: A5 14,8x21 CDD: B869.1

www.editoraep.com – 2021

Copyright “©” 2021. Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer meio.
Lei Nº 9.610 de 19/02/1998 (Lei dos direitos autorais).

2021. Escrito e produzido no Brasil.

O que pode um corpo que treme sem frio? O que faz um corpo tremer? De quem é esse corpo em contração, na expansão, enquanto baila, quando dolora? Desde o verso-título nos espera uma promessa e muitas perguntas. A promessa de um corpo no mundo e as perguntas a atestar seu passeio biográfico por diferentes cantos. A escrita elegante e incisiva de Danielle Monteiro é uma convocação à urgência das frestas e na sua confissão primeira, “Estive na cadeia por muitos anos...”, nos conduz até a sua companhia discretamente exposta. Ao terminar a leitura de Tremor de um corpo sem frio, recomecei, num ato contínuo, como quem relê um diário para revisitar os acontecimentos e lavrar a memória. Já não sabia de que lado das palavras estava, o tremor também era meu, desnudado.

SANDRA SOUZA





Estive na cadeia por muitos anos, cercada por normatividades prescritivas e crenças tortuosas. Tive a chance de olhar para minhas algemas. Conheci cada detalhe; o aço que se entrelaçava, amarrava e marcava meus punhos. O atormento. Conheci rachaduras que não se rompiam. Fendas que me faziam ver do outro lado. Arranhados que me remetiam a inválidas tentativas de liberdade.

Até que o aço apodreceu pelo tempo enfurecido da descoberta, clareou a noite num raio luminoso de lucidez. Confesso que nunca pensei que pudesse enterrar o passado, e com ele as marcas da prisão. É preciso ser forte para seguir. É preciso cortar os cabelos e limpar a face. Eu nunca tinha andado em terreno fértil. Nem tampouco aceitava a recompensa. É hora de plantar, e a fertilidade tem me deixado com a sensibilidade à flor da pele.

Estou sangrando.

Florescer na magnitude do entre:

O nascer

e o morrer.

Corpo redesenhado
pela imensidão
de meu infinito.

A carne não é mais crua.

Ele era feito de água:
suor e lágrima.

Eu apenas suporto.
Sustento meus ossos frágeis.
Sou como uma pétala
que termina solitária sobre a mesa,
vítima da morte do buquê de amor.

Há morte no amor?

Um abismo de difícil definição
Precipício profundo
Eco afônico
Silenciado na parede seca
Sem nome, sem memória
Marca a morte da matéria.

É real
O preciso e precioso conflito
É fim, mas é começo
Luz no fim do túnel.

É o abismo que nos conecta.

Ela queria mato
terra úmida para gelar seus pés
Queria o estalo das folhas se quebrando
entre os dedos
Dores e odores de um cansado caminhar.

Ela só queria
o mato.

A dor não sai por entre os dentes
Ela queima na pele
Explode na testa suada
É o expulsar da lágrima
Legítima

A marca da agressão sentida
Confunde a mente
Engana
Não foi pelo fim
Foi pela violência da forma

E o coração pulsa
Expulsa a latente mudança
E a passagem acontece
Na transformação da dor

A luz entra pela fresta da janela
Ainda há tempo

Um corpo trêmulo sofre
sobre a cama
uma respiração curta
tímpanos atormentados
pela fricção da cabeça no travesseiro
a gota ecoa na pia do banheiro
o olho arregalado enxerga a sombra
figura desconfigurada humana
atrás da porta
dentro do armário

A presença ausente
também é medo





Há algo lá fora.
Presente no pneu do carro
friccionado no asfalto.
Alguém grita.
Não estou sozinha.
Uma adição sem ganho.
Variabilidades de um ponto de vista.
Cego.

Há angústia na madrugada.

Quando todos dormem, a cidade aparece, solitária. Os primeiros raios encantam-me pelo rosa-alaranjado, hoje ofuscados por nuvens secas. As cores tornam-se a única visão possível. Reflexos fazem-se presentes no concreto, em uma tentativa de existir. Eles não são os únicos a tentar. As janelas transformam-se em pequenos faróis que guiam meu olhar. Não há distração, mas também não há foco. É o tudo e o nada numa mesma hora marcada no relógio. Eu gosto do cedo e sei que ainda é muito cedo. Contradições da dúvida.

Não há respostas, então contento-me com a certeza da xícara de café, companhia certa que me lembra que as cores estarão aqui no amanhã, bem cedo.

Tenho percorrido mares de solidão
Areias grudadas e alegrias insossas
Água turvas e sorrisos torpes
Litoral incompleto e mãos que não agarram
Árvores sem raízes e ouvidos mudos
Ruídos de uma natureza por fazer-se.

E o silêncio resta na garganta seca
Desassossego de uma pétala solitária
A desculpa atropelou o humano
Mentira desumana em nome do ego
Não aquece a alma
Sem dignidade, sem limite.

Agarro-me à primeira pedra
Espero por profundidade
Não encontro
O espelho se quebrou
E as estações esgotaram meu ciclo.

O vento traz novos rumos
Leva-me para outro lugar

Há sentido na verdade que carrego.

Narro o sossego e o desassossego
O que vibra e apaga
Crenças e descrenças
Não digo
Nada
E tudo

Não há interpretação para a falta de sentido
Não há descoberta para o aparente
Não há nada além
Há busca

As unhas que arranham a pele seca
O sangue que coagula no encontro com o ar
A saliva que seca na boca aberta
O suor que atravessa a pele nos primeiros sinais da tormenta
E os olhos que se fecham na morte

União de fragmentos

A busca contínua
O encontro do desespero com a lágrima
Talvez haja ligação na palavra
E por hoje
Prefiro pensar que não me lêem em prosa
Me lêem em verso.

A responsabilidade dos fins
E a esperança dos começos
Um lugar de encontros singulares
Trajetória particular
A inscrição de um ser em uma parede de concreto
A experiência que desloca
Lembranças encobridoras
Crenças renovadas
E o espaço para pensar

uma nova forma de existir.

A hora aperta o desejo da borboleta azul, alavancada pela tentativa de voo.

O cão late amarrado pela corrente
daquele que o ama.
Contradiz o adorar.

Ele estará sempre lá!

O dia nasce invadido pela urgência da mariposa
a bater as asas.
E o beija-flor me visita.
Sublima a ausência da flor.

Por aqui, a presença emerge como forma inexplicável,
inexorável,
de bater asas.
Braços presos em gaiolas.
E a cabeça rodopia no carrossel das tentativas.

Eu tento!

Tanto.

Não tenho tempo para ter medo.

São duas da manhã. Acordo com o barulho dos trovões e com a claridade dos raios. Flechas que nada auxiliam na fotografia da cena.

Estou cansada. Estou cansada. Estou cansada.

Sinto o peso dos dias e dos ruídos íntimos. Minha fé exauriu-se, apesar das tentativas de companhia do inexplicável. Chego ao fim dos recomeços e já não há para onde fugir. A realidade exige movimento, mas a representação irreal mantém viva a chama da farsa.

Ela me chama. É chama íntima que me convoca ao debate:

“— *Explique a paralisia*”.

Sem resposta, a mulher que hoje se encontra diante dela, nega a criança amedrontada:

“— *Não posso mais roubar-me de mim mesma. Estou de mudança*”.

Poderia ser mentira. O dia que nunca acabou. A morte estava lá, congelava os minutos do relógio em uma sensação inóspita de desamparo. Incontáveis as conversas que não tivemos. Abraços incompletos pela falta da outra parte. Ainda assim são abraços? O tempo me parecia subjetivo: o sétimo dia, o mês incompleto pela falta do último dia, faltava o dia. Será que há aniversário sem data? Ainda assim posso contar o mês? E tudo era permanência, parado no minuto do fim. Eu seguia. Estática.

Até que um dia me deparo com a natureza. A grama crescera. Assustei ao ver o verde tão verde. Que invasão era aquela? Enterro roubado pela natureza que insistia em continuar. Tempo objetivado.

Respirei fundo, fechei os olhos. A dor parecia igual, mas a grama crescera. Era o tempo mostrando a passagem e explicitando o conflito. Há algo maior que insiste em mudar, apesar da tentativa de permanência.

Sorri e me separei da dor.

Ela não estará viva porque eu sofro, ela permanecerá viva porque eu vivo.

Respiro fundo. O ar que sai lentamente contrapõe o pensamento acelerado. Cabeça gira.

Gira. Gira. Gira.

As mãos escrevem freneticamente, a procurar o registro do que se passa. Passa-se. Palavras são comidas na alucinação apressada.

Pensar. Pensar. Pensar.

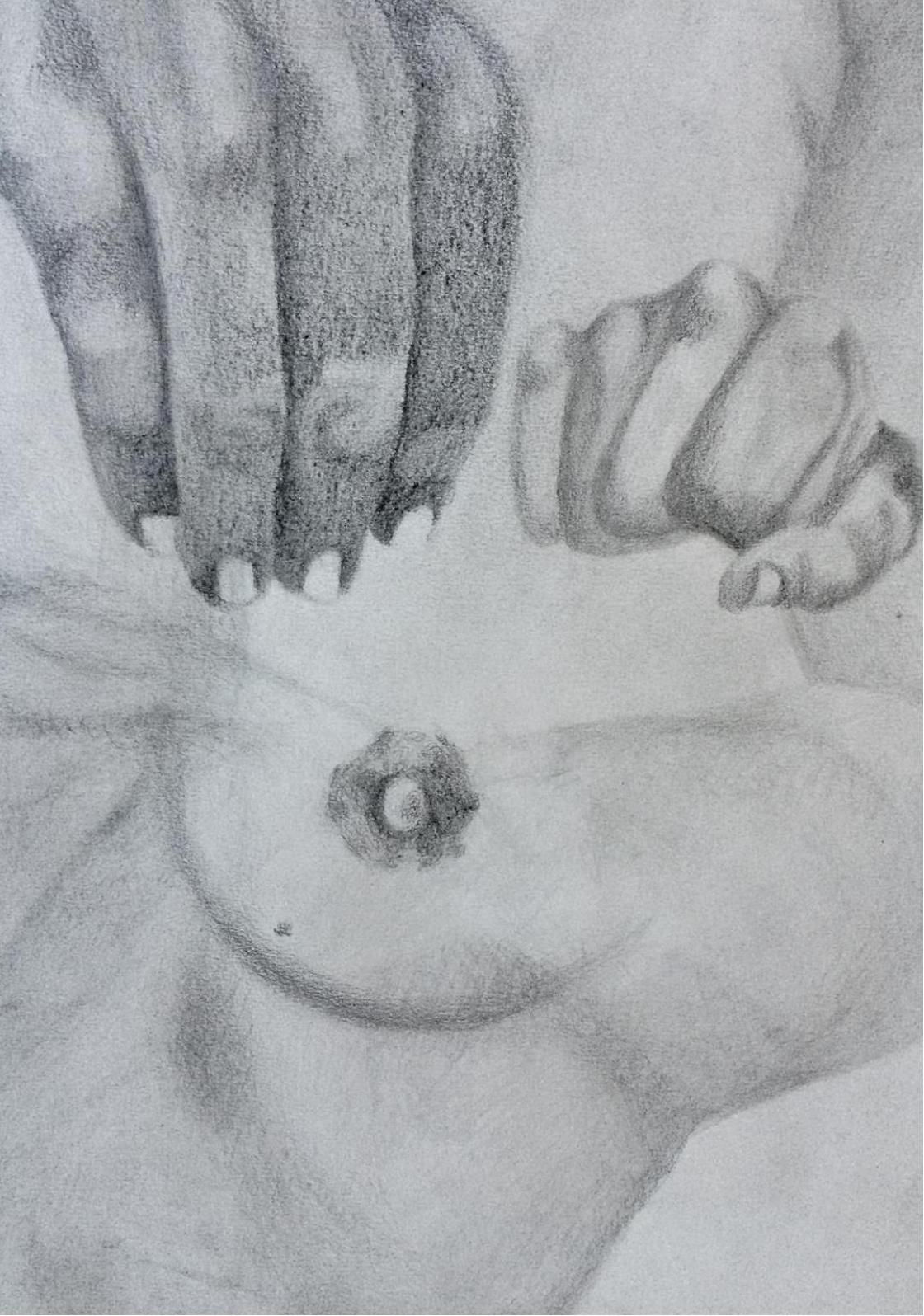
Fecho os olhos e continuo.

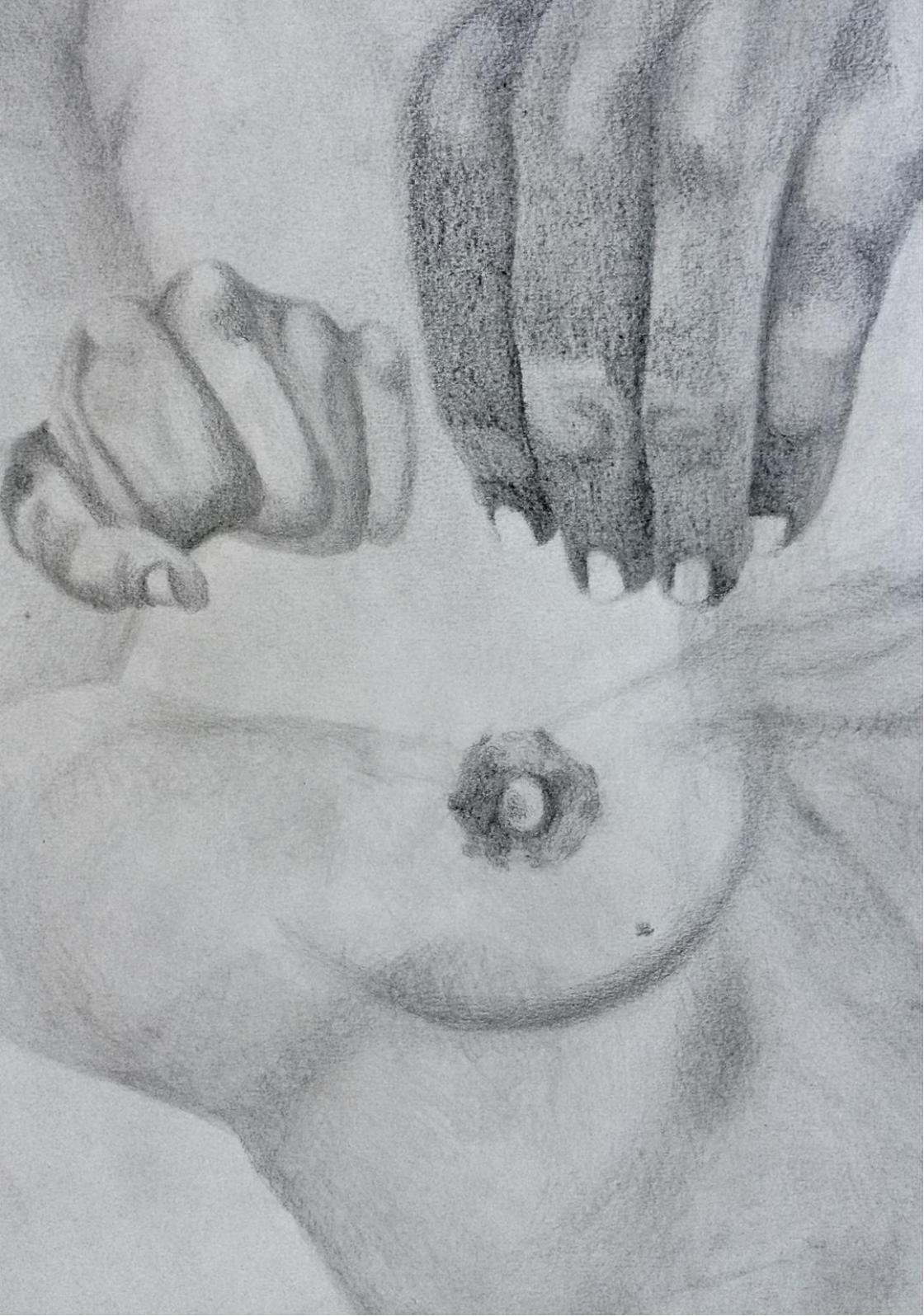
Abro os olhos e continuo.

O contínuo acelerador de mentes atormenta o sono. Não mente. Não há o que fazer. Entrego-me ao ponteiro do velocímetro. Desapego-me dos freios. Curto a adrenalina. Sem medo. Continuo.

Não preciso dizer, mas digo:

“— *Tive insônia*”.





Tenho me jogado em mares profundos.
Encontrado amores profanos.
Me deliciado com o líquido dos corpos quentes.

Arrebentei as cordas do cárcere.
E caminhei descalça sobre o asfalto.

Não havia nada.
E nenhum lugar me cabia.

Perdi a suficiência.
E me deparei com a liberdade de ser quem sou.

O desejo arde, queima a pele seca, a palavra lida, a marca de um escrito sobre a pele que desejo ler. Não há nada além de palavras soltas. Nada o que fazer. Tento quebrar a sintonia que também é ilusória e, por isso, só por isso, tenho devorado livros.

Tenho andado caminhos de solidão
Estrada tortuosa daqueles que não enxergam
Sinto o peso de mortes desconhecidas
Choro lágrimas de pais e mães
O órfão se despede da lembrança
de um corpo sem ar
Amizades se desfazem no tempo do não encontro
Perda anterior à partida

A ausência de liberdade me ensina
a busca de espaço e tempo
Não há controle para o imprevisto
Nem desistência possível

Meu corpo pesa sobre a cama quente
Sem cheiro, sem gosto
E a dor me roubou as palavras por três dias
Surto inevitável de uma mente acelerada
Sem escape

Hoje choveu à tarde
E um arco-íris riscou o céu
Sorriso que sai de um respiro fundo
Rosa que chega em forma de afeto
E o cacto encharcado expressa a grandeza
É preciso ser forte pra resistir.

O irrevogável do abandono
é a solidão que faz companhia.

Hoje a escrita ordinária veio me visitar. Fui tomada pela traição do amor platônico. Idealizações baratas de um bem-querer ínfimo, insignificante. A palavra nada vale, se não escrita em um pedaço de papel. Traí-me no encontro opaco com a letra. Menti para sobreviver no campo de flores mortas, sonhadas. E os espinhos me arranharam a pele. Senti a dor de estar viva. A dor da ilusória narrativa. Dor da inércia de um corpo que deseja movimento.

“— *Mova-se!*” — dizia o aprendiz do amor.

“— *Mova-se!*” — pregava a anciã, matriarca de uma família de mulheres.

Não há letra que explique minha inquietude constante. Não há gesto que se faça significado. O amor da palavra precisa insurgir. O ciclo precisa continuar.

Tenho sido tomada por decepções anunciadas. Não havia o que esperar. O silêncio ecoou na cabeça vazia da indiferença. E minhas palavras caminham freneticamente sobre a superfície de terra. Réptil assustado, aguarda a carona que o salvará do sol que arde. Eu tento. E a lesma caminha na direção do sal. Aridez torpe de uma mente inquieta, dissolve a pele. E a mentira clareia a vida. Eu só enxergo traição e morte. Hoje extrapolou todos os limites. Todos. E eu ainda preciso dormir bem.

Eu tento ser um rasgar do verbo. Por muitas e muitas vezes intempestiva. Tempestade. Alguém que não busca entender e segue. Eu sei para onde vou. Sem rastro, sem ofensa. Sigo.

E a criança continua à espera de colo, alguém que a mostre a sinceridade do acalento da alma. Mas ela não enxerga seu reflexo doente. Dorme sobre a taça de vinho, a mesma que recebe a pele morta.

Por ora, sou a tormenta que desestabiliza a farsa. A insônia necessária do conflito (se há conflito). E minhas palavras aparecem em todos os lugares, ainda que o silêncio opere.

As possibilidades insurgem no tempo devir do agora.

Cotidianamente, igual
A palavra perde o sentido
Força desfeita no gesto irrefletido
Na falta de imaginação
Direciona-se ao descontentamento
E marca o desejo egoísta
Não há verdade
É ciclo de repetições subjetivas
Objetiva a amarra
Expõe o elo malfeito
O vazio torna-se grande
O nada passa a fazer sentido
As mãos escavam a saliva seca
Garganta arranhada pela necessidade
De marcar a presença insossa
E o ouvido tenta não ser alvo
Ignora a violência posta à mesa
O semblante fecha-se no escuro do dia
E a boca não mais sorri

Não há vitória diante a amarra da necessidade.





No mar de fogo
Eu queimo
Ardo suave
Desintegro-me cinza.

É fugaz.

É grito.

É lama.

Vivo ilusões doces e esperanças amargas
Sofro de ausências presentes
Amores torpes
Embriago-me da estupidez alheia
E finjo ser forte

Meu corpo enrijece-se no primeiro toque
Primeiro lapso de fraqueza
Um arrepio gelado risca minhas costas
Enquanto o suor tenta escapar intacto
Na palma da mão

As unhas curtas lembram a falta
De um tempo que não tenho
E eu sei que acordarei amanhã
Na mesma posição de sempre
Enquanto relembro lembranças quebradas

Tento me olhar no espelho
E o céu não me parece distante
O avesso do reflexo

Hoje o banho estava frio demais

Nunca gostei de bege.

Os dias tortuosos quebram-se na gota de água que se desfaz sobre a pia. Tudo parece mais simples do que foi. Tudo parece ser menos dolorido e angustiante. Mas o roxo marcou a pele cansada. Ele traz a lembrança de vivências irreais que extrapolam a sobrecarga da dor. As olheiras no espelho apagam a tentativa de um sorriso que sairia insosso. É impossível fingir diante da cicatriz. Fugir de marcas profundas é insano. É impossível transformar a gota em rio. E dentro de minha boca ela salga. Amarga a vida que insiste em pedir pela resistência. E a vida sopra suave. Outra vez. E outra. E outra. Eu reluto em acreditar em milagres. Mas não nego a magnitude do ocorrido. Ainda tenho tempo de cuidar e respirar. Amar e ser amada. Abraçar a carne. Sorrir com o uivo ciumento. Debochar do abacate. E observar a boca aberta a dormir. Por hoje, o sono é tranquilo. E a vigília apenas uma forma de ser grata.

O corpo treme.

Teme.

Treme.

Teme.

Treme.

Teme.

Treme.

Treme.

Treme.

E, no balanço,
encontra-se.

A cabeça quebrada
despedaça na fraqueza
do dia interminável
A idade do não saber cobra
preço alto de vozes aceleradas
Mentes vazias mentem
A saliva seca no erro
A claridade não me parece branca
Vejo cores turvas e árvores desfolhadas
Peixes que nadam em deserto de sal
Pássaros sem asas que tentam voar
Terreno fértil ao medo e à culpa
A decepção também me ronda
Estou sentada diante a impotência
E o frio tenta me aquecer
Enquanto a dor da angústia me sufoca
Afogamento em terreno arenoso
Sem amparo
Tento levantar montanhas e arrancar estrelas
Mas meus pés são amarras
E, por hoje, a espera me arromba
Invasão de um tempo sem passagem
Estou cansada.

No escuro da noite
a claridade atormenta-me.
Expulsa a solidão.

Tenho sofrido de similaridades dissonantes,
do paradoxo da carne,
de um corpo fraco,
de unhas quebradas,
de olhos que piscam acelerados
à espera da lágrima
ausente

A dobradura no papel
guarda o segredo do tempo.

Um cesto de lixo
acolhe restos de um amor ingrato,
pedaços de ontem esquecidos,
imagens de lembranças não vividas.

O amor também é lixo.

O papel em branco chega ao fim

É o fracasso do lápis
que acaba de quebrar sua ponta

Sem o lápis,
o risco inexistente.

Hoje, o sono se foi às duas da madrugada. A penumbra e o silêncio ressoavam o coração que batia acelerado. A sobrecarga é peso sobre ombros já cansados. O dilatar do tempo contradiz o comprimido debaixo da língua que demora a se diluir. Nem ele suporta a saliva cansada. Ela é desperdício, fruto de um debruçar sobre o conhecimento construído na mesma madrugada, em outros tempos. Insônia consequência de insônia. O pavão abre suas penas às custas da fragilidade do pombo, que acabou de quebrar suas asas. A lagarta ainda espera, pacientemente, sua transformação. Há algo do outro lado do rio. E a língua ajuda a diluir o comprimido. As pálpebras começam a pesar e os dedos, lentos, não acompanham mais o raciocínio. A sede pelas palavras cessa.





Tenho gostado de dias curtos e entorpecentes tardios. A leveza da garça e a força do falcão também andam a me seduzir. Ceder tempo já não me interessa. Há algo que precisa ser feito. Eu sinto. É urgente. Eu sei que não quebrarei as correntes e nem desatarei os nós. O que separa o prisioneiro do carcereiro são as grades de um mesmo cárcere. Inverter o lado é bom, pois não existe liberdade na prisão.

Andei no limite por muitos e muitos e muitos dias. Uma dor inquieta. Uma respiração curta. Um olhar vago. Eu sabia que a tempestade viria. Eu sabia sobre a mentira do ano inacabado. O gosto amargo na boca. A ferrugem a escorrer na grade molhada. Coloquei os ouvidos sobre a cama e tentei escutar o mar. Um grito afônico. Um sussurro que mais parecia um berro. E tudo era contraditório. Natureza morta. Arco-íris cinza. E a terra rachada era acolhimento de semente morta.

O ser não agora
De um amanhã que tarda
Na noite da não escuta
No dia de ontem
Na espera do não acontecimento
Na dor de um não passado
Conto letras
Cortadas em papéis rasgados
Mentes perdidas
O ser não
Sermão
E a culpabilização do não
Ser

Procurei fazer o caminho contrário. A folha que se encolhe rumo ao caule e, delicadamente, retorna raiz. Ela sente o frio da terra molhada, depois seca, rachada. Vira semente nas mãos daquele que, um dia, a plantará. Eu tremo. Continuo vivendo vazios e me deparando com naufrágios violentos. A solidão me parece vermelha demais e a indiferença virou rachadura na terra seca (a mesma que acolhe a semente). O mofo é grito oferecido por uma garganta a se embriagar de vinho, também vermelho. E eu saio do ciclo vicioso, retorno ao centro. Um centro sem centralidade. A loucura. Um ponto à deriva. Algo que sai do lugar, mas não sabe exatamente quando a calma chega. E hoje a cor púrpura me veio em formato de libélula.

O relógio chamou às três da manhã. Já não sei onde estou. Era um lugar protegido no qual a palavra não me deixava só. O vento batia em meu rosto e empurrava meus lábios, que discretamente sorriam.

Eu podia escutar o tempo correr: tic-tac-tic-tac. Era música. E tudo parecia ser paz. Tudo parecia ser a calma de um riacho que sabe exatamente onde vai desaguar. Segue seu fluxo sem medo. Sem expectativa. Ele vive o caminho.

O balanço leve de meu corpo me fez fechar os olhos. Respirei fundo e abri os braços. Eu sinto. Eu sinto. Ela existe em algum lugar. Talvez esteja na profundidade de meu pensamento acelerado. Talvez em minha respiração curta ou na batida do meu coração. Ela pulsa.

A tempestade interna acaba de me abandonar no rodopio do ponteiro do relógio. E o dia está lindo do lado de fora. Eu tento ser o fluxo do rio, me encontrar nas águas que alimentam meu corpo. Por hoje, tentarei.

“— *Calma!*”

Deparei-me com o vazio real de uma vida interpretada. A mentira perfazia o ato relacional e tudo se tornou passado. O presente é solitário. O presente é seco. E ele arde. É corte sangrento a contradizer a pele. Geada que queima a folha nova. E o fragmento é a sala vazia. Inexiste em ato. Inexiste em lugar. Inexiste em presença. Rompe. O futuro chega na mudança do agora. Um minuto após a transformação. E as grades se diluem na desilusão. As grades não estão mais. Agora, são lembranças de uma proteção ilusória na janela. E o sol acaba de diluir a noite. Hoje é meu último dia sentada na plateia de uma farsa.

Tenho mastigado um poema há dias.
Seu gosto é amargo e deixa minha língua anestesiada.
Cuspi.

Escrevo silêncios e algumas dores.
O cheiro da folhagem não pode passar despercebido.

Adentro as águas conhecidas da repetição.
Deparo-me com a muralha do ciclo interminável.

O mesmo ponto.
O mesmo ponto.
O mesmo ponto.

É começo ou fim?
Perco-me na pergunta.
E conheço vazios inacessíveis.

Cabeças vazias.
Corpos vazios.
Almas vazias.

Tudo parece igual no mundo de fantasias e ilusões.

Meus joelhos doem.
Os pés estão cansados.
O quadril já não embala mais o corpo.
Entre o peito e o umbigo, uma pedra de gelo traz a sensação de
estar frio.
Mas o calor, do lado de fora, me paralisa no contraste.

A dor da existência aparece nas linhas das mãos.
O passado no futuro, vejo.
E sigo com meus bolsos vazios e outros nada.

Vivo porque permaneço.
Vivo porque ignoro.
Vivo porque corto.

Marco a diferença.
Pago por isso.

Tenho feito origamis de pássaros.
Eles vivem soltos sobre a mesa.
Como fazê-los voar?
Eles permanecem.
Talvez eles gostem da superfície pousada.
Talvez, de minha companhia.
Ou, talvez, eu espere demais de pássaros que não sabem voar.

Chama de verdade, a necessidade do roubo.
A alma clama.
E o retorno é a mentira,
que se espalha sobre ruas vazias.
A denúncia de um almoço frio:
prato sem gosto,
sobremesa salgada.

E tudo se torna uma tentativa de extermínio.
Autoextermínio.
Eu clamo pelo fim, sem dizer.
Desejo a paz, sem ser.
Flerto com a liberdade.

Ele está próximo.
É a espera do brinde de uma taça vazia,
a comemoração sem reciprocidade,
as cores sem alegria.

A solidão do fim, é desamor de mãe.
O conflito interminável.
O prazer insuficiente.
Sonho construído, pesadelo.
Não há cura para alma penada.

Eu sigo a escorregar em folhas secas.
Guardo ramos de lembranças tristes
e monólogos dissonantes.

Os bolsos se encheram.
Preciso deixar as folhas apodrecidas.
Aproveitar o outono.
Reiterar minha roupagem.

Descobri que a solidude me acompanha.
Eu gosto dela,
do pensamento teimoso na crença.

E a percepção se expande no abuso final:

Eu não nasci para ser par,
Nasci para ser ímpar.

Às vezes, as palavras faltam. Mas quando isso acontece, eu grito. Nem tudo são flores. E o pântano mostra a dificuldade de se caminhar. Lama que engole os pés, dói as pernas. E a hipocrisia é a mesma do passado. O mesmo medo. O mesmo desgosto. O mesmo ensino truncado sem reciprocidade. Eu não sei escrever, mas sei ler. Sei que nenhuma teoria explica o humano, ainda assim, tento entender. Por que é necessário doer? Por que é necessário arder na alma para garantir a sinfonia? E não há música que acalente a alma quando ela está vazia. As tomadas estão desconectadas e falta energia. Minha bateria acabou e interrompeu o fluxo. Mas o rio segue firme, assim como o vento não deixa de carregar a folha. Talvez esse seja o mistério. Ou apenas um acontecimento corriqueiro. Dessa vez, o ponto final é meu.

O verão tem sido demasiado estranho. Mas sinto esperança na primavera longínqua, especialmente depois do inverno de recolhimento que se aproxima. O ciclo parece não ter fim. E o medo torna-se o opressor do tempo interminável. O relógio sem hora, sem minuto, entra em espiral e nos faz sentir a contraditória sensação do fazer sem viver. Ou do viver sem nada fazer. Não há planos que se sustentem. Não há sossego que acalente a alma. Ela está cansada. E a bolha de sabão voa sem rumo pelo espaço. Até que, na falsa sensação de liberdade, encontra o obstáculo que lhe apresenta o fim. É a guerra que se instaura diante da paz, que nunca foi clara. Como não sentir a dor pungente? Como não pensar no estourar da bolha que se rompe no primeiro contato? É o fim anunciado. O resto.

E a pouca água que sobra na superfície de seu fim seca rápido. Desaparece antes mesmo que o ponteiro do relógio complete seu ciclo.

De novo, é madrugada. Saio de meu estado impositivo. Não durma. Sublimo o pensamento e tento transgredir o ócio da cama. Canso-me de me assistir inútil. Inábil na tentativa de buscar o inalcançável. Carneiros pulam a cerca. Sem número, tento nomeá-los. Não invento, represento cada um com o conhecido. Cara a cara com cada bicho, tento ver a fisionomia da calmaria. Eles são a calmaria? Acalmam, mas não consigo ter paz. E as entranhas gritam por dentro de mim, num eco que escuto bem de perto. É alto, claro e preciso. Ele tenta sair por minha garganta, não permito. E na calmaria da madrugada, me amarro ao lençol de algodão branco. Espero, imóvel, a claridade que alguma hora romperá a cortina.

Joguei-me de um abismo de braços abertos. Fechei os olhos e sorri. Sentia o vento a balançar meus cabelos. Corpo em formato de cruz. Caía. Era longo o tempo da queda. Sensação de liberdade na permanência daquele minuto. Haveria chão? Era único. Única. Foi bom o encontro. Sem nuvem. Sem noite. Apenas o vento e eu. Eu poderia não sair intacta dessa queda, como não saí. Era o risco que sempre corri. Mas isso não importa, pois esse é o movimento. Essa é a grande adrenalina de permanecer viva. Eu nunca consegui ser paz.

O sol traz a luz, mas é na sombra que encontro meu descanso.

Acho que alguém me leu e acabo de virar um fantasma.

